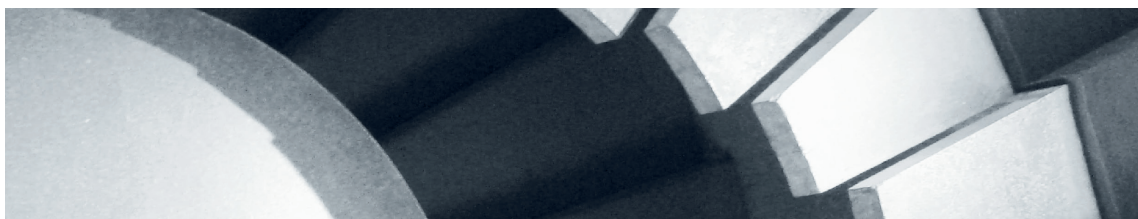


# A Sombra e o Mal. O paradoxo do Arquétipo Central. Um estudo da ética pela Psicologia Simbólica Junguiana<sup>1</sup>

Carlos Amadeu B. Byington\*



## Resumo

A Sombra, concebida pela Psicologia Simbólica Junguiana como a sede do Mal, é imprescindível para o processo de individuação e de humanização pelo fato de conter, fixados no seu interior, símbolos e funções fundamentais para a vida.

Nesse sentido, como na parábola do filho pródigo, os símbolos e funções da Sombra merecem ser buscados mais do que os símbolos normais, pois, enquanto estes já estão sendo elaborados no caminho da plenitude e do Bem, aqueles estão fixados e alienados no caminho do Mal. Pelo fato de os símbolos da Sombra estarem dissociados devido à fixação e oferecerem resistência à elaboração, o reconhecimento da importância da Sombra e o seu confronto mere-

cem todo o apreço dos que buscam o desenvolvimento da Consciência e da ética.

Prosseguindo, o autor discorre sobre a dificuldade que Jung teve para inserir o Bem e o Mal lado a lado dentro da divindade e do Self, por desconhecer, até a década de 1950, que o Ego da Consciência e o Ego da Sombra são o produto da elaboração simbólica coordenada pelo Arquétipo Central.

O paradoxo ético do Arquétipo Central é que ele busca a totalidade através da atuação normal e também da patológica. A explicação do paradoxo é que o Arquétipo Central almeja acima de tudo impulsionar a vida, seja através do Bem ou do Mal e, ao mesmo tempo em que expressa o Mal, propicia o resgate dos símbolos e funções nele contidos através da função estruturante da ética. ■

**Palavras-chave**  
ética, bem e mal, fixação, defesa, alienação, processo de individuação, processo de humanização, integração da sombra, harmonia da personalidade, paz.

<sup>1</sup> Palestra de encerramento das comemorações dos 30 anos de fundação da SBPA. PUC – SP, em 27/09/2008. Publicado originalmente na Revista Junguianas 27, 2008, p. 72 -78.

\* Médico psiquiatra e analista junguiano. Membro fundador da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica. Educador e Historiador. Criador da Psicologia Simbólica Junguiana.  
E-mail: c.byington@uol.com.br. Site: www.carlosbyington.com.br

## A Sombra e o Mal. O paradoxo do Arquétipo Central. Um estudo da ética pela Psicologia Simbólica Junguiana

A função ética é um tema central em qualquer teoria de desenvolvimento psicológico e em toda filosofia do comportamento humano. Freud apresentou-a em sua última conceituação da psique como duas pulsões antagônicas, eros e tanatos, vida e morte, que se guerreiam durante a vida. Jung evitou essa posição dualista e buscou conceituar a relação entre Bem e Mal dentro do Self no processo de individuação. Essa formulação da dualidade na unidade, na obra de Jung, corresponde à relação dialética que considero típica da expressão do Arquétipo da Alteridade na Consciência (BYINGTON, 2008). No entanto, talvez por sua educação religiosa, ele abordou o Bem e o Mal principalmente em função da sua relação com o Deus Judaico-Cristão e não dentro da Sombra e da psicologia propriamente ditas, o que dá margem a muita ambiguidade.

Jung foi criado numa atmosfera religiosa, na qual a relação com Deus era um assunto corriqueiro guiado pela Bíblia. Seu pai era pastor protestante e tinha dois irmãos, também pastores. Na família de sua mãe existiam nada menos que seis pastores protestantes. Era comum ouvir, em reuniões de família, sermões e discussões de temas religiosos, enquadrando-se a ética e a natureza de Deus dentro das Escrituras (JUNG, 1975).

No entanto, desde muito jovem, Jung vivia a religiosidade de modo significativamente diferente daquela de sua família, pelo fato de se relacionar com Deus de maneira individual e não programada. O sonho com o falo gigante em cima de um altar subterrâneo, que tivera antes de completar 4 anos, e a visão que teve aos 12 anos, com Deus num trono de ouro acima do mundo, defecando e espatifando a Catedral de Basiléia, marcaram decisivamente sua religiosidade com a experiência viva de Deus. Depois de sua primeira comunhão, na qual ingerira o pão e

o vinho e nada sentira, Jung afastou-se cada vez mais da religião cristã institucionalizada.

Pouco a pouco a igreja tornou-se para mim uma fonte de suplício, pois nela se falava em voz alta – eu diria: quase sem pudor – de Deus, de Suas ações e intenções. O povo era exortado a cultivar tais sentimentos, a crer em tais mistérios que, para mim, provinham da mais íntima e profunda certeza e a respeito dos quais nenhuma palavra poderia testemunhar. Concluí que, aparentemente, ninguém conhecia esse mistério, nem mesmo o pastor; senão jamais teria ousado expor publicamente o mistério de Deus, profanando com aquele sentimentalismo insípido sentimentos infáveis (JUNG, 1975, p. 52).

Lado a lado com essa vivência direta de Deus, Jung buscou durante toda a sua vida descrever o espontâneo, o imprevisível e terrível dentro da divindade e combateu incessantemente a doutrina do *Summum Bonum* da Igreja Católica, segundo a qual, pensava Jung, Deus seria exclusivamente bom e o Mal seria a privação de Deus (*privatio boni*), pois para ele isso excluiria a presença do Mal dentro da divindade.

Jung viveu o sonho com o falo e a visão da catedral espatifada como uma revelação da natureza de Deus e da sua relação com Ele. Por isso, contrapôs essas vivências do Deus vivo com aquelas pregadas por seu pai, tios e religiosos – um deus idealizado do qual falavam, mas cuja existência não vivenciavam emocionalmente.

Levei muitos anos para compreender o que Jung queria realmente dizer quando afirmava que a divindade abriga o Bem e o Mal. Finalmente, acho que o compreendi, não em seus escritos teóricos, mas em suas memórias (JUNG, 1975).

O que ele passou sua vida querendo descrever, me parece, é uma experiência religiosa na qual Deus se revela de todas as maneiras, inclusive pela transgressão e agressividade, não podendo, por isso ser enquadrado, *a priori*, racionalmente. Assim, ele achava que a teologia, os sermões e os escritos religiosos jamais podem prever e codificar o deus que Abraão vivenciou ao subir a montanha e levar Isaac para o holocausto, ou aquele que sacrificou seu próprio filho na cruz. O que ele queria descrever, então, acredito, é o lado terrível de Deus dentro do mito Judaico-Cristão, que o Ego não pode conceber, mas que o Self, que é maior que o Ego, é capaz de impor como uma vivência imprescindível no processo de individuação. Para isso, segundo ele, Deus não pode ser definido unilateralmente por nenhuma função estruturante específica que invalide outras, pois quando assim fazemos eliminamos sua abrangência da totalidade. Desta maneira, a agressividade e a destruição fazem parte da divindade, pois só isso poderia explicar suas fezes terem espatifado seu próprio templo, justo aquele que mais representava a religião da família Jung.

O contexto religioso que Jung transferiu para sua visão do Self, então, é que o Ego não pode determinar *a priori* o que é o Bem e o que é o Mal no desenvolvimento psicológico, pois esse conhecimento é revelado ao Ego durante a vida (NEUMANN, 1991). Toda esta postura teórica e prática de Jung diante da religião e da Psicologia, inclusive da ética, está expressa na elaboração da visão da destruição da catedral por Deus. Lembremos que Jung pressentiu a visão, mas não conseguiu abrir-se para ela, e ficou durante dois dias atormentado pela noção de pecado. No terceiro dia, decidiu enfrentar o que intuía ser uma grande transgressão e viu a destruição da catedral, sentindo-se ao mesmo tempo aliviado e iluminado.

Reuni toda a coragem, como se fosse saltar sobre as chamas do Inferno e deixei o pensamento emergir: diante de meus

olhos ergueu-se a bela catedral e, em cima, o céu azul. Deus está sentado em seu trono de ouro, muito alto acima do mundo e, debaixo do trono, um enorme excremento cai sobre o teto novo e colorido da igreja; este se despedaça e os muros desabam.

Então era isto! Senti um alívio imenso e uma libertação indescritível... Fora como uma iluminação... Fizera a experiência que meu pai não tinha tentado – cumprira a vontade de Deus, à qual ele se opunha pelas melhores razões... Quando põe à prova a coragem do homem, Deus não se prende a tradições, por mais sagradas que sejam. Em Sua onipotência, **cuida de que nada realmente mau resulte dessas provações. Quando se cumpre a vontade de Deus, não há dúvida de que se segue o bom caminho** (JUNG, 1975, p. 47-48, grifo meu).

Desta maneira, Jung está referindo-se ao Bem e ao Mal na **divindade**, em função da relação do cristão com ela. Para sermos guiados por Deus, nesse contexto, não podemos restringir de antemão a sua natureza, mas permitir que ela se revele plenamente.

No entanto, por mais que Jung tenha querido colocar o Bem e o Mal dentro da divindade, em momento algum ele a admite realmente como a morada do Mal, muito pelo contrário, pois afirma que, “quando se cumpre a vontade de Deus, não há dúvida de que se segue o bom caminho”.

Como pode Jung condenar a doutrina do *Summun Bonum*, quando sua afirmação acima corresponde exatamente ao que é postulado nessa doutrina? Jung torna sua teorização do Mal ainda mais confusa, quando afirma no *Aion* (1959), sem maiores explicações, que o Mal é relativamente fácil de se identificar na Sombra, mas que é muito mais difícil de se perceber quando expresso pela Anima e pelo Animus. Nada, porém, se iguala em falta de clareza, quando ele termina esse capítulo sobre a Sombra afirman-

do, sem a menor justificativa, que: “Em outras palavras, é muito possível para uma pessoa reconhecer o Mal relativo da sua natureza, mas é uma experiência rara e aterradora para ela olhar na face do Mal absoluto” (1959, par. 19).

Se o Self, por definição, abriga o Bem e o Mal, e se não queremos maniqueizá-lo em dois instintos antagonísticos, como fez Freud, devemos então, de alguma maneira, relacioná-los plenamente dentro da unidade.

A psicologia simbólica junguiana procura estudar a função ética conjugando conceitos da psicanálise e da psicologia analítica dentro do processo de individuação, conceituado por Jung, e de humanização, formulado por Teilhard de Chardin (1948).

### **1. A Psicologia Simbólica Junguiana, a Sombra e o Mal**

Para representar o Mal na psique, escolhi o conceito de Sombra da psicologia analítica para equivaler ao de inconsciente reprimido descoberto pela psicanálise. A seguir, ampliei o conceito de Sombra para abranger, não só os símbolos do mesmo gênero que o Ego, como a definiu Jung (1959), mas também aqueles do gênero oposto. Por outro lado, restringi o conceito de Sombra aos símbolos pessoais e coletivos fixados e com defesas, e não o emprego para abranger todo o inconsciente coletivo, como às vezes acontece na literatura junguiana (VON FRANZ, 1985).

No que se refere à psicanálise, ampliei o conceito de defesa para percebê-la como função estruturante arquetípica que se tornou fixada e que, por isso, é sempre patológica. Assim, todas as funções estruturantes arquetípicas normais podem se tornar defensivas e, quando fixadas, expressar a Sombra.

Para evitar a ambiguidade da polaridade virtual-real, que ocorre quando empregamos o conceito de Self para o todo e para o principal dos arquétipos, separei os conceitos de Self e de Arquétipo Central. O Self abrange a totalidade, inclusive o Ego, a Sombra, todos os símbolos e funções estruturantes e os arquétipos. Já o Ar-

quétipo Central é virtual e é o coordenador dos demais arquétipos e de todo o processo de elaboração simbólica. Esta conceituação me parece importante para solucionar a controvérsia entre Jung e a doutrina do *Summun Bonum*. Dentro do conceito de Self, a totalidade abrange o Bem e o Mal, a Consciência e a Sombra, e é incompatível com a Doutrina do *Summun Bonum*. No entanto, dentro do conceito do Arquétipo Central, a Sombra se forma através de uma fixação, uma disfunção da elaboração simbólica, sendo, portanto, uma privação do Bem (*privatio boni*). Ao mesmo tempo, o Arquétipo Central exprime a Sombra, o Mal, e propicia seu resgate e integração para buscar a totalidade, o que o torna compatível com a doutrina do *Summun Bonum*.

É exatamente esta conceituação da Sombra como o Mal que Goethe expressa no Fausto, quando faz Mefistófeles se definir como: “sou parte da energia que sempre o Mal pretende e que o Bem sempre cria” (GOETHE, 2004 p. 139). Ele se refere ao Mal, à Sombra, cujo resgate se torna fonte geradora do Bem.

Outro exemplo exuberante da necessidade de o Self e de o Arquétipo Central abrigarem a Sombra (o Mal) para expressar e elaborar os símbolos e funções estruturantes fixados está no poema épico indiano Ramayana. Ravana é um demônio (*raksasa*) com grande capacidade de praticar o Mal. Ele tem dez cabeças, cada uma com mil anos de vida. Antes de se esgotar a vida da última, quando a humanidade finalmente se livraria dele, Brahma renova a vida das dez cabeças. O demônio enche-se de vaidade e diz a Brahma: “Folgo em saber que vos agrado”. – “Tua vontade é terrível”, respondeu Brahma, “tão forte que não pode ser esquecida; preciso tratá-la como uma doença ruim. As tuas dores me ferem” (BUCK, 1988 p. 55). Ao considerar Ravana uma doença, Brahma afirma a necessidade de tratá-la. Ao fazê-lo, declara ser a Sombra imprescindível, mesmo com o sofrimento que ela traz para o Self, pelo fato de ela ser parte do Todo.

O Arquétipo Central e o Self, como não poderia deixar de ser, abarcam todos os símbolos

e funções psíquicas, inclusive o Bem e o Mal. O Self os abrange porque inclui a Consciência e a Sombra. O Arquétipo Central também o faz porque expressa a elaboração simbólica, tanto normal quanto aquela que é fixada, se torna patológica e é expressa pelas defesas, isto é, na Sombra. O fato de o Arquétipo Central continuar expressando os símbolos fixados e as defesas, torna-o responsável também pelo Mal. Esta é a sua grande ambiguidade, cuja busca de compreensão é o centro deste artigo. Trata-se, sem dúvida, do problema ético capital da psicologia e da teoria do conhecimento. Nesse sentido, a teoria do desenvolvimento arquetípico da elaboração simbólica, que inclui o Ego e a Sombra, é o caminho científico para abordá-lo.

Assim sendo, parece-me que a grande dificuldade que Jung teve para incluir o Bem e o Mal psicodinamicamente na totalidade do Self, como tanto desejou, foi o desconhecimento da formação tanto da Consciência quanto da Sombra através da elaboração simbólica, que somente começou a ser descoberta por seus seguidores na década de 1950. Foi esta descoberta que revelou a enorme diferença entre os conceitos de Arquétipo Central (potencial da totalidade) e de Self (totalidade psíquica a cada momento da vida).

Nesse sentido, a Consciência é o caminho do Bem, pois elabora os símbolos e as funções estruturantes para expressar o potencial do Arquétipo Central em direção à totalidade. Lembremos que a etimologia de símbolo é *sin*=unir + *ballein*=lançar, ou seja, **lançar junto**, enquanto que a de diabo vem de diábolos, que é *dia*=através, separar + *ballein*=lançar, ou seja, **lançar separado**. Em contraposição, a fixação que forma as defesas, ou seja, a Sombra desvia os significados simbólicos da sua integração e os atua de forma separada do Todo, distorcida, inadequada e não raro destrutiva, quer no Self individual como no grupal.

A Sombra é muito importante para o desenvolvimento humano e, por isso, é preciso ser devidamente considerada. Conceituei a **Sombra**

**unificada** para expressar a Sombra em todas as dimensões humanas, seja na ciência, como erro; no direito, como crime; na arte, como plágio; na ecologia, como expoliação ambiental; no corpo, como doença; na religião, como pecado; na economia, como exploração; e na psicologia, como Mal (BYINGTON, 2008). Perceber a Sombra como expressão do Mal é da maior importância para que seus conteúdos simbólicos sejam devidamente identificados, elaborados e resgatados de suas fixações e reintegrados no caminho da normalidade e do Bem.

Assim, em qualquer uma das dimensões existenciais, a elaboração da Sombra é preciosa para que a psique ferida e alienada nas trevas reencontre o caminho da luz e da totalidade.

Exatamente porque os símbolos da Sombra, do Mal e do Demônio expressam todos a fixação, o descaminho e a perdição do Ser dentro do desregramento, da ruindade e do nada (SARTRE, 1943), é que eles merecem toda a consideração, a atenção cuidadosa, o temor, o respeito e a elaboração por aqueles que buscam a totalidade.

## 2. A Gravidade do Mal

O tema do grau da maldade humana pode ser abordado em função das estratégias que a Sombra dispõe para praticá-lo. Estas estratégias arquetípicas e existenciais são as defesas: neurótica, psicopática, *borderline* e psicótica. Estas estratégias podem ser circunstanciais ou cronificadas, o que dá origem aos conceitos de Sombra Circunstancial e Sombra Cronificada.

Na defesa neurótica, o Mal é praticado em grande parte inconscientemente, **contra a vontade da pessoa**, gerando arrependimento, culpa e um esforço para mudar.

Na defesa psicopática, a função estruturante da vontade é envolvida pela defesa, o que a torna dolosa e capaz de atingir o máximo da gravidade da sociopatia e da delinquência. No Self individual, ela pode perpetrar crimes hediondos, e no Self cultural, ser capaz de atrocidades inomináveis. A vontade dedicada à criatividade planeja e realiza o que a inteligência tem de melhor.

Pelo fato de a defesa psicopática dominar a vontade, a inteligência humana pode aqui realizar o que tem de pior. É nesta defesa, caracterizada pela intenção, ou seja, pelo dolo, que a inteligência se reúne à criatividade, transformando um ser humano num demônio. Quando a defesa psicopática domina a personalidade e controla grande parte do Self, forma-se a personalidade psicopática, caso em que a pessoa vive literalmente para o Mal.

Na defesa *borderline*, o Mal é praticado com a preocupação de evitar um Mal maior, que é a defesa psicótica. A criatividade da personalidade é aqui essencial para escolher condutas, ainda que bizarras, para serem atuadas, tanto quanto possível, dentro de contextos sociais aceitáveis, para evitar a invasão da defesa psicótica.

Na defesa psicótica, o Mal existe através da invasão da Consciência pela Sombra. Esta invasão não é dolosa, porque a vontade é arrastada junto com o resto das funções conscientes e não é cooptada para exercer inteligentemente a Sombra, como na defesa psicopática.

### 3. O Paradoxo do Arquétipo Central

As características mais complexas do funcionamento psíquico tornam-se paradoxais quando sua fenomenologia associa verdades **aparentemente** contraditórias e, por isso, incompatíveis. Este é o caso do Arquétipo Central em relação ao Bem e ao Mal.

Por um lado, o Arquétipo Central coordena a elaboração simbólica para incorporar os significados produzidos na construção da totalidade do Self. Por isso, ele é percebido projetado nos deuses como o caminho do Bem para a humanidade. Por outro lado, pelo fato de a totalidade incluir o Mal, temos um paradoxo de difícil compreensão.

A identificação do caminho da totalidade como sendo o caminho do Bem é uma noção empírica. Esta noção depende do estudo e da vivência da elaboração simbólica no desenvolvimento do processo de individuação e do processo de humanização. Nunca encontrei pessoa

alguma que praticasse o Mal e tivesse paz e não estivesse presa no sofrimento, na fixação, na defesa e na compulsão de repetição, ou seja, na Sombra. Por outro lado, o que observei até hoje é que quando alguém elabora produtivamente as defesas e a Sombra e integra os conteúdos aí fixados, ele se sente feliz e realizado.

Se existe algo que aprendi com respeito ao Bem e ao Mal é que as conquistas trazem bem-estar, mas o que realmente traz plenitude são as conquistas acompanhadas pelo resgate e integração das fixações que formam a Sombra.

É inegável que o Arquétipo Central também coordena no funcionamento do Self os símbolos e funções estruturantes fixados e tornados defensivos, isto é, doentes, criminosos e malignos. Este é o paradoxo da imagem de Deus, que é uma projeção do Arquétipo Central, e que contém o Bem e o Mal. Sem recorrermos à dualidade que simplesmente separa as polaridades, como fez Freud, como explicar tamanha ambiguidade no exercício de uma função tão central na dinâmica da psique?

A resposta me parece ser que **o Arquétipo Central é antes de tudo comprometido com a expressão da vida**, mesmo que ela seja grandemente deformada pela fixação, pela Sombra, e que abrigue a maldade, a doença e o crime. Quando vemos, por exemplo, os estudos dos casos de psicóticos, como o de Carlos Pertuis e de Adelina Gomes, tratados pela Dra. Nise da Silveira, temos uma pequena ideia de que junto com a devastação da personalidade pelo Mal da esquizofrenia, o Arquétipo Central continua coordenando símbolos que transcendem os sintomas e podem guiar a personalidade em direção à totalidade (SILVEIRA, 1981). Vemos aí o impulso vital existencial coordenado pelo Arquétipo Central continuando a impulsionar a vida, apesar de o Ego estar fragmentado de modo extremo.

Como Jung frisou, quando abordamos o Bem e o Mal falando de Deus sem vivenciá-lo, podemos ficar reduzidos às convenções manipuladas pelo Ego e perdermos a vivência do Deus vivo.

Por outro lado, somente a vivência de Deus sem a elaboração do significado simbólico, dificulta a compreensão prospectiva do Arquétipo Central e da sua orientação ética da individuação. Como diz sabiamente o ditado “de boas intenções o inferno está cheio”. De fato, os casos de fanatismo são um grande exemplo daqueles que se sentem orientados por Deus e que, na realidade, o são defensivamente pela Sombra. Assim, por mais que Jung tenha sentido a destruição da Catedral como uma revelação de Deus, faltou-lhe a elaboração simbólica da vivência, com as devidas ampliações individuais e coletivas, para reve-

lar o significado da visão no processo de individuação dele.

Quando abordamos a nova ética ou a ética da individuação, descrita por Neumann, sob esta perspectiva, percebemos que ela depende da elaboração simbólica de cada vivência para revelar sua normalidade ou sua patologia, sua luz ou sua Sombra. Ao assim fazermos, concluímos que a luta entre o Bem e o Mal está presente na elaboração simbólica de cada vivência, o que a torna sistêmica e transcendente dentro do Todo. ■

Recebido em 25/03/2019 Revisão em 25/05/2019

## Abstract

### *The Shadow and the Evil. The paradox of the Central Archetype. A study of ethics by Jungian Symbolic Psychology*

*Based on the concepts of fixation and defense from psychoanalysis, which he considers always pathological, the author conceives the shadow as bigender and as the expression of defenses and fixated symbols, as well as the source of pathology and of evil in the individual and cultural Self.*

*In this sense, just as in the parable of the Prodigal Son, the shadow must be carefully considered*

*because, while the symbols normally elaborated and cherished in consciousness pave the way towards good and self-realization, those fixated in the shadow are the path of alienation and of evil. Because they are despised and offer resistance to elaboration, the recognition of the importance of the shadow and its confrontation deserve the respect of those who search the development of consciousness. ■*

**Keywords:** ethics, good and evil, fixation, defense, alienation, process of individuation, process of humanization, integration of the shadow, psychological harmony and peace.

## Resumen

### *La Sombra y el Mal. La paradoja del Arquetipo Central. Un estudio de la Ética por la Psicología Simbólica Junguiana*

*La Sombra, concebida por la Psicología Simbólica Junguiana como la sede del Mal, es imprescindible para el proceso de individuación y de humanización por el hecho de contener, fijados en su interior, símbolos y funciones fundamentales para la vida.*

*En este sentido, como en la parábola del hijo pródigo, los símbolos y funciones de la Sombra merecen ser buscados más que los símbolos normales, pues mientras que éstos ya están siendo elaborados en el camino de la plenitud y del Bien, aquéllos están fijados y alienados en el camino del Mal. Por el hecho de que los símbolos de la Sombra estén disociados debido a la fijación y ofrecer resistencia a la elaboración, el reconocimiento de la importancia de la Sombra y su confrontación merecen todo el aprecio de*

*los que buscan el desarrollo de la Consciencia y de la ética.*

*Prosiguiendo, el autor discurre sobre la dificultad que Jung tuvo para insertar el Bien y el Mal lado a lado dentro de la divinidad y del Self, por desconocer, hasta la década de 1950, que el Ego de la Conciencia y el Ego de la Sombra son el producto de la elaboración simbólica coordinada por el Arquetipo Central.*

*La paradoja ética del Arquetipo Central es que ella busca la totalidad a través de la actuación normal y también de la patológica. La explicación de la paradoja es que el Arquetipo Central anhela sobre todo impulsar la vida, sea a través del Bien o del Mal y, al mismo tiempo que expresa el Mal, propicia el rescate de los símbolos y funciones en él contenidos a través de la función estructurante de la ética. ■*

**Palabras clave:** ética, bien y mal, fijación, defensa, alienación, proceso de individuación, proceso de humanización, integración de la sombra, armonía de la personalidad, paz.



## Referências

- BUCK, W. *Ramayana*. São Paulo, SP: Cultrix, 1988.
- BYINGTON, C. A. B. *Psicologia simbólica junguiana: a viagem de humanização do cosmos em busca da iluminação*. São Paulo, SP: Linear, 2008.
- GOETHE, J. W. *Faust: erster teil*. São Paulo, SP: 34, 2004.
- JUNG, C. G. *Aion*. Princeton, NJ: Princeton University, 1959. (Obras Completas 9, Tomo II).
- JUNG, C. G. *Memórias, sonhos e reflexões*. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 1975. (1961)
- NEUMANN, E. *A psicologia profunda e a nova ética*. São Paulo, SP: Paulinas, 1991.
- SARTRE, J. P. *O ser e o nada*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- SILVEIRA, N. *Imagens do inconsciente*. Rio de Janeiro, RJ: Alhambra, 1981.
- VON FRANZ, M. -L. *A sombra e o mal nos contos de fadas*. São Paulo, SP: Paulus, 1985.